

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

16830 - Resumo Expandido - Trabalho - XV Reunião ANPEd Sul (2024)

ISSN: 2595-7945

Eixo Temático 05 - Educação e Infância

“SOU UMA OUTRA PROFESSORA DEPOIS DE TER ATUADO EM TURMAS MULTI-IDADES”: A EXPERIÊNCIA DAS MULTI-IDADES NA UEIIA E AS AUTO(TRANS)FORMAÇÕES VIVIDAS PELAS PROFESSORAS

Juliana Goelzer - UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul

**“SOU UMA OUTRA PROFESSORA DEPOIS DE TER ATUADO EM TURMAS MULTI-IDADES”: A EXPERIÊNCIA DAS MULTI-IDADES NA UEIIA E AS AUTO(TRANS)FORMAÇÕES VIVIDAS PELAS PROFESSORAS**

**RESUMO:** Este texto é resultante de uma pesquisa realizada na Unidade de Educação Infantil Ipê Amarelo, a qual buscou compreender quais os possíveis desafios que a escuta sensível e o olhar aguçado às crianças nas turmas multi-idades provocaram para os processos auto(trans)formativos permanentes com as professoras. O referencial teórico esteve ancorado em pesquisadores ligados à abordagem Reggio Emilia, como Malaguzzi (1999) e Rinaldi (1999; 2014), em diálogo com Freire (1995; 2002; 2011a; 2014) e outros nessa mesma perspectiva. Ela teve uma Abordagem Qualitativa, do Tipo Estudo de Caso (Chizzotti, 2009) e Pesquisa-auto(trans)formação, fundamentada nos pressupostos jossonianos (Josso, 2010a; 2010b) e freireanos. A dinâmica metodológica esteve ancorada nas Cartas Pedagógicas (Freire, 2011b, 2014, 2015; Camini, 2012; Lacerda, 2016) e nos Círculos Dialógicos Investigativo-auto(trans)formativos (Henz, 2015; Henz e Freitas, 2015), e a interpretação, na perspectiva hermenêutica (Gadamer, 1977; Ricoeur, 1988). Os constructos revelam que a experiência provocou desafios significativos às professoras no que tange à escuta sensível e ao olhar aguçado às singularidades das crianças e, a partir disso, à elaboração de um planejamento que considerasse tais especificidades. Revelam também a compreensão de que tais auto(trans)formações não teriam sido possíveis sem o processo de reflexão crítica na e sobre a prática.

**PALAVRAS-CHAVE:** Educação Infantil. Turmas multi-idades. Escuta sensível e olhar aguçado. Auto(trans)formação permanente com professoras.

O livro “Casa das Estrelas”, de Javier Naranjo (2013), é uma obra resultante de uma pesquisa de mais de 10 anos, durante a qual crianças de 3 a 10 anos foram escutadas quanto às suas definições para diferentes palavras, pessoas e objetos. No livro, a palavra “adulto”, está assim definida por uma criança: “pessoa que em toda coisa que fala, vem primeiro ela” (ibid., p. 20).

Começar com as crianças, princípio defendido por Loris Malaguzzi (1999), idealizador da proposta de Educação Infantil da região de Reggio Emilia, norte da Itália, referência mundial quando o assunto é Educação Infantil, é um princípio que vem sendo cada

vez mais refletido e debatido, mas que ainda se apresenta um tanto complexo.

Complexo porque, ainda que hoje, muitos de nós, professores e professoras, estejamos mais abertos e abertas a escutar as crianças e construir com elas uma Educação Infantil de qualidade, mais democrática e plural, para alguns esse desafio ainda é bastante complexo, haja vista a predominância de pedagogias transmissivas (Formosinho; Oliveira-Formosinho, 2019) ainda e desde a educação das crianças de 0 a 6 anos.

Iniciar a escrita deste texto com a definição da palavra “adulto” a partir do olhar de uma criança, para além de ser uma das formas de começar com as crianças, é também uma forma de desafiar os adultos, especialmente adultos professores e professoras da e com a infância, a refletirem acerca da forma como as crianças nos veem, ou seja, como aquele que vem primeiro em tudo.

A pesquisa apresentada a partir deste texto é reveladora de outras formas possíveis de se olhar para as infâncias, as crianças e para a docência com (e não na) Educação Infantil, formas essas que falam de uma formação mais humana, participativa, democrática, plural, alegre. Formas possíveis de escutar as crianças (Rinaldi, 2014) e de, a partir dessa escuta, acreditar na do-discência (Freire, 1995), uma docência que, ao mesmo tempo em que ensina, aprende com as crianças.

Essa pesquisa foi realizada na Unidade de Educação Infantil Ipê Amarelo (UEIIA), uma Unidade de Ensino, Pesquisa e Extensão da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM/RS), portanto, pública, aberta a todas as crianças da comunidade santa-mariense. Nessa Unidade, desde o ano de 2008 vive-se a experiência de agrupar as crianças em turmas multi-idades, turmas compostas por crianças de diferentes idades, experiência essa que, desde aquele ano, foi sendo vivida de diferentes formas, ora com uma maior diferença entre as idades (de 1 ou 2 anos a 6 anos), ora com uma menor diferença (de 2 a 4, de 3 a 5, de 4 a 6 anos).

Completados 10 anos dessa experiência, foi realizada essa pesquisa com as onze professoras que por mais tempo atuaram, entre 2008 e 2018, nas turmas multi-idades da Unidade, e com o maior intervalo entre idades possível, com o objetivo de compreender quais os possíveis desafios que a escuta sensível e o olhar aguçado às crianças nas turmas multi-idades da Unidade provocaram para os processos auto(trans)formativos permanentes com as professoras.

A pesquisa teve uma Abordagem Qualitativa, do Tipo Estudo de Caso (Chizzotti, 2009) e Pesquisa-auto(trans)formação, tipo de pesquisa que vem sendo construída pelo Grupo *Dialogus*, grupo de estudos e pesquisas da Universidade Federal de Santa Maria, fundamentada nos pressupostos jossonianos (Josso, 2010a; 2010b) e freireanos (Freire, 1995; 2002; 2011a). A dinâmica metodológica da pesquisa esteve ancorada nas Cartas Pedagógicas (Freire, 2011b, 2014, 2015; Camini, 2012; Lacerda, 2016) e nos Círculos Dialógicos Investigativo-auto(trans)formativos (Henz, 2015; Henz e Freitas, 2015), e a interpretação dos

constructos foi realizada a partir da perspectiva hermenêutica (Gadamer, 1977; Ricoeur, 1988).

Foram realizados cinco Círculos Dialógicos Investigativo-auto(trans)formativos com as professoras, e entre cada Círculo compartilhávamos uma Carta Pedagógica, a qual a pesquisadora escrevia e enviava pelo correio e aguardava resposta. Partes das respostas das professoras eram tomadas como dispositivo para o início do diálogo no Círculo seguinte.

Os constructos da pesquisa revelaram que a experiência com as turmas multi-idades da UEIIA provocou desafios significativos nos processos auto(trans)formativos permanentes com as professoras no que tange à escuta sensível e ao olhar aguçado às singularidades das crianças e, a partir disso, à elaboração de um planejamento que considerasse tais especificidades.

A frase que dá título a esse texto, “sou uma outra professora depois de ter atuado em turmas multi-idades”, foi escrita por Karla, uma das professoras participantes, na segunda carta. Essa frase sintetiza muito do que foi escutado das professoras, sendo um dos maiores desafios vividos o de organizar o planejamento de uma outra forma, baseado nas especificidades das crianças, o que, segundo elas, tornou-se para além de importante, necessário.

A professora Karla, nessa segunda carta, escreve que é outra professora, dentre outros motivos, “[...] porque aprendi e continuo aprendendo a ver, escutar, tocar e sentir cada criança em suas diferentes linguagens”, “[...] porque aprendi a respeitar o desenvolvimento de cada criança, a olhá-la na sua inteireza”, e “porque aprendi a pensar em outros tipos de propostas de atividades para as crianças [...]”. Na sua quarta carta, essa professora aprofundou mais essa questão ao escrever que

O desafio diário de pensar em propostas para a turma, selecionar os materiais, organizá-los de forma provocativa, exige que tenhamos olhado e escutado as crianças... Essa organização das atividades não pode acontecer apenas pelo interesse do professor em querer desenvolver alguma coisa “nas e com” as crianças. Penso que precisamos aprender a balancear o que eu, professora, penso ser importante que as crianças aprendam, tenham contato e vivenciem com aquilo que elas nos dizem de diferentes formas que querem aprender, viver.

Maria Talita, outra professora participante, em sua terceira carta, destacou o potencial das turmas multi-idades de nos levar a considerar as diferenças existentes entre o grupo de crianças ao organizar propostas com/para a turma: “Nas turmas multi-idades aprendemos a conviver com as diferenças, a conhecê-las e a considerá-las na organização das propostas diariamente.” E na quarta, ela ainda destaca que “Com as multi-idades eu ampliei e foquei mais meu olhar nas crianças e nas relações entre elas”.

Outro princípio da pedagogia em Reggio Emilia é: “[...] os professores seguem as crianças, não seguem planos” (Malaguzzi, 1999, p. 100). Por acreditarem que “[...] o potencial das crianças é paralisado quando o ponto final de sua aprendizagem é formulado de antemão” (Rinaldi, 1999, p. 115), em Reggio Emilia não há uma programação do percurso a ser desenvolvido junto às crianças, mas uma projeção, um trabalho realizado com base em um “Currículo Emergente”, o qual define o planejamento apenas com objetivos educacionais gerais e nenhum objetivo específico de antemão, pois considera que, ao longo do processo, as crianças apresentarão necessidades e interesses diversos, e por isso o planejamento deve ser flexível o suficiente para acompanhar as crianças (Rinaldi, 1999).

Interessante observar que Freire, em sua *Pedagogia da Indignação* (2014), em outras palavras fez essa mesma defesa:

As crianças precisam crescer no exercício desta capacidade de pensar, de indagar-se e de indagar, de duvidar, de experimentar hipóteses de ação, de programar e de não apenas seguir os programas a elas, mais do que propostos, impostos. As crianças precisam de ter assegurado o direito de aprender a decidir, o que se faz decidindo (Freire, 2014, p.67-68).

Os resultados da pesquisa mostraram, assim, que a atuação nas turmas multi-idades desafiou as professoras, a partir da escuta e do olhar atento às crianças, a revisitarem seus conhecimentos relacionados a um planejamento e uma organização de espaços e materiais que leve em conta, em primeiro lugar, os percursos que as crianças desejam seguir, suas dúvidas, hipóteses e decisões sobre seus percursos de aprendizagem. Hoje, essas professoras questionam a ideia do planejamento com uma atividade única para todas as crianças, independentemente de ser uma turma multi-idade ou não. Segundo Gianna, outra professora participante:

Antes das multi-idades pensava em um planejamento único para todo grupo, pois acreditava que pelo fato das crianças terem a mesma idade elas aprendiam da mesma forma. Quando chego na turma de multi-idade, tudo isso se desconstrói e começo a olhar e escutar as crianças de outra forma. Percebo um grupo diverso com demandas e necessidades diferentes. Tudo isso me levou a perceber que mesmo as idades sendo iguais temos um grupo plural e singular.

No processo dialógico, o grupo foi compreendendo, ainda, que tais auto(trans)formações não teriam sido possíveis sem o processo de reflexão crítica na e sobre a prática realizado pelo coletivo de professoras atuantes nessas turmas, ao qual o grupo era desafiado constantemente na Unidade. Elas compreendem que a garantia desse espaço foi o que tornou possível as aprendizagens decorrentes da experiência nas turmas multi-idades, compreendendo que apenas a prática com as crianças de diferentes idades não levaria a tais

auto(trans)formações.

As reflexões e diálogos realizados no grupo fizeram-nos perceber a UEIIA como um espaço potente e provocador de auto(trans)formações permanentes tanto pela experiência vivida com as turmas multi-idades, quanto e a partir da constante reflexão crítica na e sobre a prática. Os resultados da pesquisa levam à defesa da necessidade e importância de que professores e professoras em formação inicial e permanente tenham a possibilidade de viver experiências de escuta sensível e olhar aguçado com as crianças de 0 a 6 anos, aliadas às experiências de reflexão crítica na e sobre a prática com o coletivo de colegas, para que tenham a possibilidade de aprender a do-discência com as crianças para, a partir de então, se permitirem sair do lugar do adulto que vem sempre primeiro para, de fato, começar com as crianças.

## REFERÊNCIAS

CAMINI, Isabela. **Cartas Pedagógicas**: aprendizados que se entrecruzam e se comunicam. São Paulo: Outras expressões, 2012.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Cortez, 2009.

FORMOSINHO, João; OLIVEIRA-FORMOSINHO, Júlia. Pedagogias transmissivas e pedagogias participativas na escola de massas. In: OLIVEIRA-FORMOSINHO, Júlia; PASCAL, Christine. **Documentação pedagógica e avaliação na Educação Infantil**: um caminho para a transformação. Tradução: Alexandre Salvaterra; revisão técnica: Júlia Oliveira-Formosinho, Mônica Appezzato Pinazza e Paulo Fochi. Porto Alegre: Penso, 2019.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. Saberes necessários à prática educativa. 31. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1995. (Coleção Leitura)

FREIRE, Paulo. **Professora Sim, Tia Não**. Cartas a quem ousa ensinar. 11. ed. São Paulo: Olho d'Água, 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 49. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011a.

FREIRE, Paulo. **Cartas à Guiné-Bissau**: Registros de uma experiência em processo. São Paulo: Paz e Terra, 2011b.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Indignação**: Cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

FREIRE, Paulo. **Cartas a Cristina**: Reflexões sobre minha vida e minha práxis. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

GADAMER, Hans-Georg. **Verdad y Método** - Fundamentos de una hermenêutica filosófica. Trad. Ana Agud Aparicio y Rafael de Agapito. Salamanca, Ediciones Sígueme, 1977.

HENZ, Celso Ilgo. Círculos Dialógicos Investigativos-formativos e auto(trans)formação permanente de professores. In: HENZ, Celso Ilgo; TONIOLO, Joze Medianeira dos Santos de Andrade. **DIALOGUS**: círculos dialógicos, humanização e auto(trans)formação de professores. São Leopoldo: Oikos, p. 73-84. 2015.

HENZ, Celso Ilgo; FREITAS, Larissa Martins. Círculos Dialógicos Investigativos formativos: uma proposta epistemológica-política de pesquisa. In: HENZ, Celso Ilgo; TONIOLO, Joze Medianeira dos Santos de Andrade. **DIALOGUS**: círculos dialógicos, humanização e auto(trans)formação de professores. São Leopoldo: Oikos, p. 73-84. 2015.

JOSSO, Marie-Christine. **Caminhar para si**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010a.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. São Paulo: Cortez, 2010b.

LACERDA, Nathercia. **A casa e o mundo lá fora**: Cartas de Paulo Freire para Nathercinha. Rio de Janeiro: Zit, 2016.

MALAGUZZI, Loris. História, Ideias e Filosofia Básica. In: EDWARDS, Carolyn; GANDINI, Lella; FORMAN, George. **As cem linguagens da criança**: a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância. Tradução Dayse Batista. Porto Alegre: Artmed, 1999.

NARANJO, Javier (Seleção). **Casa das estrelas**: o universo contado pelas crianças. Rio de Janeiro: Foz, 2013.

RICOEUR, Paul. **Interpretação e Ideologias**. RJ: Francisco Alves, 1988.

RINALDI, Carlina. O Currículo Emergente e o Construtivismo Social. In: EDWARDS, Carolyn; GANDINI, Lella; FORMAN, George. **As cem linguagens da criança**: a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância. Tradução Dayse Batista. Porto Alegre: Artmed, 1999.

RINALDI, Carla. **Diálogos com Reggio Emilia**: escutar, investigar e aprender. Tradução: Vania Cury. São Paulo: Paz e Terra, 2014.